

HARMONIA VOCÁLICA COM *-INHO* E *-ZINHO*, UMA MARCA DIALETAL ESPECÍFICA¹

Carmen Maria Faggion²

cmfaggio@ucs.br

RESUMO: Um estudo da elevação vocálica que se opera, na Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha, diante dos elementos *-inho* e *-zinho*, assinala um emprego muito específico de harmonia vocálica, ou uma diferente localização desses elementos mórficos nos níveis lexical e pós-lexical, ou a não-observância de uma restrição como marca de uma área dialetal portuguesa.
PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; Português; Sociolingüística; Dialectologia.

INTRODUÇÃO

Na Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha (doravante RCI), ocorrem pronúncias com elevação da pretônica diante dos elementos mórficos - *inho* e - *zinho*, o que contraria a pronúncia corrente do português. Surgem formas como “isculinha”, “morininha”, “suzinho”, em lugar de *escolinha*, *moreninha*, *sozinho*, palavras portuguesas sempre pronunciadas com manutenção do timbre original da vogal pretônica. Este trabalho pretende fazer uma análise de tal uso, de que constituem exemplos formas como “cafizinho”, “puquinho” (por *pouquinho*), “cervijinha”, “saculinha”, “misinha” (por *mesinha*), “velhinho” (com *e* fechado), “coleguinha” (com *e* fechado), “tigelinha” (com *e* fechado), “fistinha” e muitas outras.

Ao que nos é dado observar, essa elevação é própria de ítalo-descendentes. Para registrar o emprego, realizamos uma pesquisa de campo, em Pinto Bandeira, atualmente ainda um distrito que faz parte do município de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha.

¹ Agradeço à Universidade de Caxias do Sul pela cessão de bolsista do Programa BIC-UCS.

Entrevistamos, em 2004, vinte e quatro pessoas (Pinto Bandeira tinha, em 2003, 2964 habitantes), doze de zona urbana e doze de zona rural, igualmente divididas por gênero. Inicialmente foi previsto que os respondentes seriam de mais de sessenta anos e de menos de trinta. Contudo, entre as doze pessoas maiores de sessenta (seis de zona urbana e seis de zona rural), oito tinham em torno de oitenta anos; e os menores de trinta acabaram sendo menores de vinte, ou seja, em sua maior parte estudantes das escolas locais (Pinto Bandeira só tem escolas de Ensino Fundamental). Algumas contingências, entre elas a presença de uma só pesquisadora e uma bolsista, determinaram a abrangência menor da pesquisa. Por essa razão, não foi possível analisar a fala das pessoas que trabalham – o que, aliás, determinaria a existência de outras variáveis a serem consideradas, visto que a geração produtiva estabelece diferentes redes em função do próprio trabalho, e se desloca com mais frequência a outros centros. No entanto, da maneira como ficou configurada, a pesquisa atende a um dos requisitos tradicionais dos estudos dialetológicos, pois acabou registrando a fala das pessoas que pouco saem do local em estudo.

O objetivo principal acabou sendo o de registrar esse uso, com uma geração de intervalo, para verificar se havia persistência do traço na geração mais nova.

Um dos motivos que determinaram a escolha de Pinto Bandeira como local da pesquisa foi o grande número de pessoas que ainda utilizam italiano como língua de comunicação, fato largamente observável entre as pessoas de mais idade, e a predominância (quase exclusividade) de descendentes de italianos em sua população. Portanto, suas características populacionais (predominância de ascendência italiana) e culturais (comunidades urbana e rural interligadas, unidade religiosa, economia principalmente agrícola ou daí decorrente) fizeram de Pinto Bandeira nossa escolha. Além disso, esse distrito tem uma zona urbana definida e uma zona rural extensa, o que vem ao encontro dos objetivos desta pesquisa, que elegeu o local em que o integrante reside como um dos critérios sociolinguísticos que norteiam a descrição dos fatos. Além do mais, vale insistir, Pinto Bandeira ainda é lugar em que o italiano é falado na comunicação diária, conforme se pode observar nas pessoas adultas (notadamente nas zonas rurais). E sua condição de cidade pequena lhe confere características que parecem mais propícias à manutenção de uma maneira específica de falar português do que aquela que se observa, por exemplo, em Caxias do Sul e em Bento Gonçalves, cidades

² Aluna do Doutorado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Professora de Linguística do Campus Universitário da Região dos Vinhedos, da Universidade de Caxias do Sul.

que, no perímetro urbano, evidenciam pronúncias próximas das de outros centros urbanos gaúchos, e não as marcas associadas à RCI, marcas que veremos adiante, na seção sobre o português da RCI.

Para fins de esclarecimento, acrescento alguns dados sobre Pinto Bandeira.

Em fins de 2003, a então Secretaria de Educação, Cultura, Esporte, Lazer e Turismo de Pinto Bandeira prestou-nos algumas informações sobre a cidade. Os primeiros imigrantes italianos chegaram em 1876. Em 1902, a localidade de Silva Pinto passou a chamar-se Nova Pompéia. A Paróquia de Nossa Senhora de Pompéia foi criada em 1922. Em 1938, o Distrito mudou de nome e passou a chamar-se Pinto Bandeira. Iniciou-se em 1994 um movimento pró-emancipação e em 1996 criou-se o Município. Em 2004, Pinto Bandeira perdeu sua condição de emancipação, sendo novamente integrada ao município de Bento Gonçalves, do qual fizera parte. Pinto Bandeira dista cento e quarenta quilômetros de Porto Alegre.

As atividades econômicas centralizam-se na agricultura. Pinto Bandeira produz vinte mil toneladas de uva por ano, quinze mil de pêssegos, quatro mil de ameixas, três mil de maçãs, havendo também considerável produção de caquis. Entre as indústrias, citam-se seis vinícolas e quatro cooperativas (para produção de vinho), além de indústrias de móveis, esquadrias e embalagens para frutas. No comércio, além de armazém e supermercado, assinalam-se vinte e cinco câmaras frias para estocagem de frutas. O setor primário responde por 81% da ocupação dos trabalhadores; o secundário, 15% e o terciário, 4%. A taxa de desemprego é de menos de 1%.

Quanto a aspectos educacionais, 16% da população apresenta Ensino Fundamental completo, 3% apresenta Ensino Médio completo e 1% ensino superior completo. Na faixa de sete a catorze anos, ninguém se encontra fora da rede escolar. A taxa de analfabetismo é de 5%, mas refere-se exclusivamente a adultos e idosos que nunca freqüentaram a escola, assinala o documento cedido pela Secretaria Municipal. Sabe-se que já houve lá uma escola particular, regida por religiosas, que fechou por dificuldades financeiras. Atualmente, Pinto Bandeira conta com quatro escolas municipais de Ensino Fundamental, com um total de noventa alunos, e uma escola estadual de Ensino Fundamental, com trezentos e trinta e cinco estudantes.

Hoje em dia, Pinto Bandeira explora também o turismo: possui pousadas, oferece trilhas ecológicas, proporciona passeios a pé, a cavalo e de carro, e oportuniza ao visitante a aquisição de vinhos e sucos, além de produtos coloniais como pães, massas, conservas, compotas, pastas de frutas, geléias, salames, copas, queijos, pratos

típicos e produtos artesanais que resgatam o passado, como cestas, artigos de palha, crochê, bordados, tricôs.

Retomando a questão inicial, a definição do nosso problema constitui-se a partir das seguintes perguntas: a pronúncia com elevação da pretônica, característica desse grupo social (ou dialetal) ainda se mantém? Há especificações fonológicas a assinalar? Há diferença de aplicação de harmonização vocálica diante de *-inho* e diante de *-zinho*? A nova geração ainda apresenta esse traço?

1. O PORTUGUÊS DA RCI

A fala portuguesa característica da RCI já foi analisada em vários trabalhos. O livro de Frosi e Mioranza (1983), *Dialetos Italianos*, dedica um capítulo a traços característicos da fala portuguesa da RCI e assinala algumas interferências fônicas do italiano (Frosi e Mioranza, 1983, p. 334). Paviani (2001) assinala que as pessoas adquirem, na RCI, o português com as marcas do sotaque, e a mesma autora (2004) fala do uso do pronome ético *me*. Dal Corno & Santini (1998) estudam o preconceito em relação à fala com sotaque. Frosi (1987 a) descreve e explica interrelações entre o dialeto vênето e a língua portuguesa da região, salientando aspectos fonético-fonológicos e lexicais. Frosi (1987 b) descreve e classifica as influências fônicas do vênето sobre a língua portuguesa, assinalando os elementos de ordem fonético-fonológica que constituem o sotaque (vibrante simples no lugar da múltipla, fricativa alveolar no lugar da fricativa palato-alveolar; uso de “on” no lugar de “ão”; ausência de palatalização; ausência de elevação da vogal átona final; não-elevação de “a” nasalizado). Trabalhos mais recentes de uma pesquisa em curso (Projeto Estigma, UCS, coordenado por Vitalina Maria Frosi), tais como os de Frosi (2005), Dal Corno (2005) e Faggion (2005), verificam a questão da atitude dos ítalo-descendentes em relação à fala da região.

Faço acréscimos aos aspectos mencionados acima, a respeito da fala portuguesa da região. Além dos traços fonético-fonológicos mencionados, característicos da fala portuguesa da RCI, observam-se mais três nessa área específica.

O primeiro é o da ocorrência de [e] epentético. De fato, nos casos de epêntese, ocorre com frequência acréscimo de [e], e não [i]: [pe'new] para “pneu” e [adevo'gado] para “advogado” são pronúncias comuns, embora em “ritmo” haja ocorrência de “i”

epentético, ao que tudo indica por atuação de uma regra de harmonização vocálica. (Sobre epêntese, ver Collischonn, 2002, p. 205-230.) Essa forma de pronunciar a epêntese é absolutamente coerente com a pronúncia das vogais átonas finais, que não sofrem elevação, segundo Frosi (1987 b), o que nos leva a pensar que o estatuto das átonas, na fala portuguesa da RCI, seja a posição média.

O segundo é o da ausência de velarização ou semivocalização da lateral alveolar em final de palavra ou diante de consoante; assim, pronúncias como “mal” e “mau” não se confundem, e a lateral é nitidamente pronunciada como alveolar em palavras como “malte”, “falso” ou “legal”. Essa característica é largamente observável nas pessoas de mais idade. (Sobre variação do segmento lateral na coda silábica, ver Tasca, 2002, p. 269-302. A autora assinala, à página 284, a preservação da forma alveolar entre descendentes de italianos e alemães. Ver também Espiga, 2003.)

O terceiro, de que se ocupa este trabalho, é a presença de elevação vocálica pretônica diante dos sufixos - *inho* e - *zinho*. O dialeto português desses falantes ignora o caráter singular desses elementos mórficos na língua portuguesa, como é o caso também, aliás, do sufixo - *mente*. Assim, verificam-se formas como ‘suzinho’ e ‘sozinho’ (com o primeiro “o” fechado) para *sozinho*, vocábulo que no português padrão teria pronúncia aberta da vogal pretônica. Temos razões para crer que o caso se configure como uma regra de harmonização vocálica, e para isso cumpre retomar alguns trabalhos sobre a questão.

2. HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA

Bisol (1981) define a harmonia vocálica como a elevação da vogal média alta [e] ou [o], em posição pretônica, por influência da vogal alta na sílaba subsequente. Em português, assinala Bisol (1981), a harmonia vocálica é contígua e atinge as vogais pretônicas.

Bem específica para o caso do português, a definição de Bisol aplica-se também a casos mais gerais, entrevistados na definição que Roca e Johnson (1999, p. 149-150), para os quais harmonia vocálica é um fenômeno que leva todas as vogais de um dado domínio (por exemplo, a palavra) a compartilharem um mesmo valor para determinado traço ou traços. Por exemplo, pode ser que todas as vogais de uma palavra sejam arredondadas, ou altas. A harmonia que opera no turco é transparente, dizem os autores

(p. 150), mas no moderno alemão e no inglês só ocorrem efeitos residuais da harmonia que existiu em formas antigas das línguas. Assim, embora a harmonia ou harmonização vocálica (emprego neste trabalho os dois termos como sinônimos, sem esquecer o caráter descritivo do primeiro e processual do segundo), possa ser vista como uma regra que atinge todas as vogais de uma palavra, vamos considerá-la com a observação que Bisol (1981) registrou para o português, sendo contígua e atingindo as vogais pretônicas.

Bisol (1984) compara amostras da fala de descendentes dos três principais povos colonizadores do Rio Grande do Sul - açorianos, alemães e italianos - para verificar a regra de harmonização vocálica no português, levando em conta variáveis lingüísticas e extralingüísticas. A etnia é uma das variáveis extralingüísticas. Os italianos estão em segundo lugar no uso da harmonização vocálica, e a autora lembra que a elevação de *e>i* é bastante geral no italiano; assim, os bilíngües italianos, familiarizados com a presença de uma vogal alta na pauta pretônica, estão mais motivados a usar a regra de harmonização vocálica do que os alemães e os fronteiriços (Bisol, 1984, p. 91).

Schwindt (2002, p. 161 – 182) revê a análise de Bisol de 1981 e confere a presença do processo de harmonização vocálica nos dados do VARSUL. O autor distingue as variáveis lingüísticas e extralingüísticas verificáveis no *corpus* e formula tabulações dos resultados, apresentando os números de ocorrências, a percentagem e o peso relativo, e conclui que houve crescimento da regra nas duas últimas décadas, no português gaúcho, sendo os principais condicionamentos de ordem lingüística.

Matzenauer e Miranda (2003, p. 92 s.), retomando a análise de Bisol (1981), examinam a questão à luz da Economia Representacional de Traços e concluem que a Harmonia Vocálica integra o funcionamento da fonologia do Português, sendo vista como o espraiamento regressivo do nó de abertura de uma vogal alta (p. 108). Esse espraiamento não ultrapassaria uma sílaba – confirmando assim o caráter de contigüidade apontado inicialmente por Bisol (1981), retomado em Bisol (1984, p. 89-90).

3. O CASO DE *-INHO* E *-ZINHO*

Estes dois elementos já mereceram muitas observações por sua peculiaridade.

Câmara (1970) aponta características muito específicas dos dois segmentos (e também de *-mente*), numa análise que se tornou clássica.

A hipótese de Leite (1974, p. 23 s.), inserida na Teoria gerativa, postula que, no léxico, o radical não teria marca de acento, e diferentes ordenações cíclicas dariam conta das diferenças entre *belinha* e *beleza*. Se aplicássemos a posição de Leite ao presente caso, uma diferente ordenação de regras definiria a preponderância da harmonização vocálica sobre o isolamento de sufixos específicos, no falar português da RCI: a regra de harmonização vocálica seria colocada antes da regra de definição de limites.

Moreno (1977) analisa os diminutivos em *-inho* e *-zinho* em relação à delimitação do vocábulo nominal em português. Na sua classificação das duas formas, Moreno (1977, p. 95-107) considera *-zinho* um vocábulo independente, que só ocorre na formação do diminutivo. Tem acento próprio e o conserva sempre. Confirmam sua autonomia elementos fonológicos (permanência do acento, do timbre aberto da vogal, velarização da líquida final no vocábulo que o antecede), e morfológicos (o vocábulo antes dele sempre aparece completo, e o elemento *-zinho* repete o gênero indicado pelo artigo). Ou seja, características gramaticais semelhantes às do adjetivo: Moreno classifica as formações com *-zinho* como locuções, e não compostos, nem derivados. Complementando, Moreno (1977, p. 99) considera *-inho* um elemento autônomo que participa de um processo de composição por aglutinação.

Segundo essa análise, os dois elementos são autônomos e diferentes entre si, um atuando em locuções e o outro em composições.

Costa (1993, p. 139 s.) menciona duas formas alternantes para o sufixo de diminutivo e comenta que, no *corpus* do NURC, a tendência de ampliação do uso de *-zinho* é pequena. Propõe *-inho* como forma básica, acrescentando que um processo morfofonológico insere /z/ quando o sufixo se junta a bases terminadas em vogal tônica, ditongo ou consoante.

D'Andrade (1994, p. 113) chama nossa atenção para dois casos em que o sufixo, na formação de uma nova palavra, não se liga ao antigo Radical Derivacional, mas à própria palavra. Tal é o caso de *-mente* e dos sufixos, diminutivos e aumentativos, que

apresentam um -z. Esta posição, de um autor que analisa o português europeu, mostra que a peculiaridade desses elementos não é exclusiva do português brasileiro.

O trabalho de Lee (1996) analisa o comportamento diferente de determinados morfemas à luz da Fonologia Lexical, mostrando que as regras fonológicas não podem ser aplicadas diretamente depois de cada movimento morfológico, devido à ausência de isomorfia entre os dois níveis, fonológico e morfológico.

Mateus e d'Andrade (2000, p. 102-103) assinalam o fato de que *-inho* agrega-se a radicais de nomes que os autores reúnem na Classe 1 (p. 66-67), ou seja, terminados em /a/, /o/ ou /e/ átonos (isto é, temáticos): *livrinho, casinha, pentinho*. Os nomes da Classe 2 (terminados em /r/, /l/, /s/, p. 67) dão preferência aos diminutivos com z, embora admitam os outros: *amorzinho, animalzinho, papelzinho* ou *papelinho* (exemplos apresentados à página 103). Infere-se que os nomes acabados em /s/ sofram assimilação. A Classe 3, definida como a dos radicais que acabam em vogal ou ditongo, orais ou nasais, só aceita os diminutivos terminados em z: *cafezinho, sonzinho, chapeuzinho* são os exemplos assinalados à página 103, a que eu acrescentaria *irmãozinho* para corroborar a classificação dos autores. No entanto, é conveniente lembrar que, no português brasileiro, há formas como *painho, mainha, Carminha* (assinaladas por Moreno, 1977) e outras que atestam a intensa produtividade de *-inho*, sempre ligada a alguma forma de supressão (correntemente, da vogal temática nominal; no último exemplo, de um trecho maior da palavra).

Mateus e d'Andrade (2000, p. 102) mencionam outro aspecto importante, a recursividade, aceita por *-inho* e *-zinho* (e. g. *burriquinho, casotinha*). Ressalve-se, contudo, que os dois elementos mórficos de que tratamos aqui terão, ao que tudo indica, posição final de palavra, apondo-se a outros sufixos (exceções há, como *casinhola*).

Cagliari (2002, p. 83) ilustra sua afirmação de que um processo morfofonológico pode estar relacionado com fenômenos prosódicos, como o acento, justamente com *-zinho*. Sem mencionar as características peculiares deste segmento, Cagliari mostra que, na palavra *cafezinho*, ocorre acento secundário e mantém-se a vogal aberta. Mais adiante (p. 165) o autor apresenta um *tableau* mostrando quais restrições se aplicam para *cafezinho*.

Basilio (2004, p. 70 s.) chama atenção para o fato de que *-inho* se integra totalmente à fonologia do elemento base, enquanto *-zinho* mantém a acentuação tônica da palavra base e também suas flexões (e.g. *indiazinha, balõesinhos*). A autora conclui

(p. 72) que, na formação dos diminutivos, temos dois elementos formadores, - *inho* e - *zinho*, parcialmente complementares, mas com estatuto morfológico diferente.

Depois de repassar essas importantes análises, que por sua recorrência evidenciam a sempre viva curiosidade acerca dos dois elementos, podemos observar uma diferença entre os dois: -*inho* associa-se a formas de supressão e mantém seu acento, modificando o acento tônico da palavra que lhe é acrescentada, enquanto -*zinho* assinala a presença de dois acentos tônicos da palavra, ou, melhor dizendo, da expressão de que faz parte.

4. OS RESULTADOS DESTA PESQUISA

A presente pesquisa, realizada sob a forma de uma entrevista gravada, desencadeada por um roteiro que privilegiava aspectos culturais de origem italiana e recordações de infância (como uma motivação para o uso de diminutivos), foi aplicada a um total de vinte e quatro falantes, divididos por gênero, faixa etária e local de residência na comunidade (urbana ou rural), obtendo-se os resultados que aparecem nas tabelas a seguir. Verificou-se, nas gravações, a totalidade de possibilidades (total de palavras com - *inho* e - *zinho*) e, dentro desse total, quantas foram realizadas com elevação vocálica da pretônica.

Elev. Voc.	Possibilidades	Elevações	% de ocorrências
- <i>zinho</i>	2	2	100%
- <i>inho</i>	8	6	75%

Tabela 1: Homens de zona rural, com mais de 60 anos

Elev. Voc.	Possibilidades	Elevações	Ocorrências
- <i>zinho</i>	5	3	60%
- <i>inho</i>	4	1	25%

Tabela 2: Homens de zona rural, com menos de 20 anos

Elev. Voc.	Possibilidades	Elevações	Ocorrências
- <i>zinho</i>	7	6	85,7%
- <i>inho</i>	6	6	100%

Tabela 3: Homens de zona urbana, com mais de 60 anos

Elev. Voc.	Possibilidades	Elevações	Ocorrências
- <i>zinho</i>	8	4	50%
- <i>inho</i>	4	1	25%

Tabela 4: Homens de zona urbana, com menos de 20 anos

Elev. Voc.	Possibilidades	Elevações	Ocorrências
- <i>zinho</i>	8	8	100%
- <i>inho</i>	33	19	57,5%

Tabela 5: Mulheres de zona rural, com mais de 60 anos

Elev. Voc.	Possibilidades	Elevações	Ocorrências
- <i>zinho</i>	10	5	50%
- <i>inho</i>	11	6	54,5%

Tabela 6: Mulheres de zona rural, com menos de 20 anos

Elev. Voc.	Possibilidades	Elevações	Ocorrências
- <i>zinho</i>	4	3	75%
- <i>inho</i>	17	11	64,7%

Tabela 7: Mulheres de zona urbana, com mais de 60 anos

Elev. Voc.	Possibilidades	Elevações	Ocorrências
- <i>zinho</i>	9	1	11,1%
- <i>inho</i>	16	7	43,7%

Tabela 8: Mulheres de zona urbana, com menos de 20 anos

A partir da leitura das tabelas observa-se que os homens de mais de 60 anos, de zona urbana ou rural, quase sempre realizam elevação da pretônica nos poucos diminutivos que empregam, tanto diante de - *inho* quanto diante de -*zinho*. Os homens de menos de vinte anos, tanto de zona rural como urbana, reduzem consideravelmente os percentuais, mas mantêm a marca.

As mulheres de mais de 60 anos, tanto de zona urbana quanto de zona rural, mostram uma tendência de elevar diante de -*zinho*, e um pouco menos diante de -*inho*.

As mulheres de menos de 20 anos, da zona urbana, manifestam tendência de não elevar diante de *-zinho*. Na zona rural, a tendência não é tão clara.

Verifica-se que o caso de *-inho* é diferente do de *-zinho*. Na zona rural, na faixa etária mais jovem, a elevação vocálica diante daquele sufixo parece continuar. Na zona urbana, persiste elevação diante de *-inho*, embora num percentual de 43,7%, que constitui menos da metade das realizações.

Os resultados mostram uma tendência de diminuição de elevação vocálica diante de *-zinho*, liderada por mulheres jovens de zona urbana. A mesma faixa manifesta leve tendência a diminuir a elevação vocálica diante de *-inho*.

O português da região assume feição peculiar, e a conserva, mesmo depois de desaparecida (ou quase) a língua que influenciou tal feição. A geração mais experiente, na pesquisa, sempre foi bilíngüe. A geração mais nova, por sua vez, configura-se como bilíngüe passiva (no sentido assinalado por Appel e Muysken, 1992; Heredia, 1989; Gass e Selinker, 1994): quase todos os respondentes dessa faixa etária disseram que entendem italiano, mas não o falam, ou, em outras palavras, não o usam como língua de comunicação a não ser na qualidade de receptores.

Mesmo sem falar italiano, as gerações mais novas ainda mantêm em grau significativo o traço de elevação vocálica diante de *-inho* e *-zinho*, mostrando obediência à regra de harmonia vocálica, diante desses elementos em que todos os outros falantes do português mantêm vogais baixas. A elevação vocálica diante de *-inho* e *-zinho* tem com certeza uma variável sociolingüística que suscita seu aparecimento: a localização do falante em pequena comunidade da RCI. Diante disso, cabe a pergunta: a língua italiana, elemento de influência, tem aspectos que condicionem tal emprego?

5. COMPARAÇÃO COM ITALIANO

O quadro fonético e fonológico das vogais tônicas e átonas do italiano, apresentado por Babini (2002, p. 32) mostra situação idêntica à das vogais do português (sempre lembrando que, nesta última língua – *inho* e *-zinho* são casos especiais). As vogais médias abertas (usando mais uma vez uma definição corrente, compreensível também a quem não é da área), ou também chamadas vogais baixas (com exceção do /a/) não aparecem em posição átona.

Idêntica é a situação das vogais do dialeto italiano da RCI, na verdade uma coiné de predominância vêneta, na definição de Frosi e Mioranza (1983).

O caso específico dos diminutivos da RCI não é pormenorizado nas descrições disponíveis (Stawinski, 1987, p. VIII fornece exemplos, mas não elucida usos). Contudo, a observação direta permite identificar fechamento da vogal tônica do radical, quando um sufixo diminutivo é acrescentado a esse radical. Por exemplo, no dialeto italiano da RCI, as palavras *porco* ['pɔrco], com vogal tônica aberta ('porco', italiano padrão *maiale*), *ozel* [o'zɛl] ('pássaro', italiano padrão *ucello*), *belo* ['bɛlo] ('bonito', italiano padrão *bello*), *vecio* ['vɛtʃo] ('velho', italiano padrão *vecchio*) e *omo* ['ɔmo], com vogal tônica aberta, ('homem', italiano padrão *uomo*) caracterizam-se por ter vogal tônica aberta, isto é, *e* e *o* são sempre abertos (ou baixos). No entanto, com o acréscimo de um sufixo diminutivo, essas vogais passam a ser pretônicas, e tornam-se, com isso, fechadas:

<u>Dialeto italiano da RCI:</u>	<u>Pronúncia da pretônica:</u>	<u>Tradução:</u>
porcheto [por'keto]	<i>o</i> fechado	'porquinho'
ozeleto [oze'leto]	<i>e</i> fechado	'passarinho'
belin [be'liŋ]	<i>e</i> fechado	'bonitinho'
vecieto [ve'tʃeto]	<i>e</i> fechado	'velhinho'
omeneto [ome'neto]	<i>o</i> fechado	'homenzinho'

Tabela 9: pronúncia das pretônicas no dialeto italiano da RCI

Ou seja, o dialeto italiano da região não atribui nenhum caráter específico aos sufixos diminutivos. Acrescentado o diminutivo à palavra, a incidência de um acento secundário sobre ela permite que haja elevação vocálica, como ocorre, em português, com o acréscimo de sufixos como *-eza*, *-dade*, *-mento*, etc. (O caráter específico de *-inho* e *-zinho*, lembrando, é uma peculiaridade do português, e até a classificação de tais elementos mórficos é problemática.) Logo, é possível que haja uma transposição pura e simples de uma regra fonológica do italiano para o português: em italiano, fecha-se a vogal do radical ao lhe ser acrescentado um sufixo. Em português padrão, acontece isso, mas não diante de *-inho*, *-zinho* e *-mente*. Ora, na variedade portuguesa da RCI, tal especificação não ocorre.

Ou, utilizando nomenclatura própria da Fonologia Lexical, teríamos o seguinte contraste: em português, o acréscimo de *-inho* e *-zinho* se dá no nível pós-lexical, não havendo mais iteratividade de regras de acentuação. Para os falantes da RCI, o acréscimo de *-inho* e *-zinho* se faria no nível lexical, aplicando-se iterativamente as regras de acentuação, o que enfraqueceria o acento secundário, permitindo elevação da sílaba pretônica.

Ou ainda, empregando tentativamente terminologia própria da Teoria da Otimização, poder-se-ia dizer que há uma restrição quanto à ocorrência de vogais baixas, com exceção de /a/, em posição átona, o que acarretaria fechamento ou elevação da pretônica, e tal restrição não se aplica a dados segmentos mórficos do português, por não serem representantes ótimos do conjunto dos sufixos, portanto não seriam avaliados para aplicação. Os falantes da RCI deixariam, por assim dizer, de violar a restrição.

6. HARMONIA VOCÁLICA OU SIMPLES ACENTO SECUNDÁRIO?

Tal elevação constituiria harmonia vocálica? Depois da comparação acima entre português e italiano, poderia parecer que temos uma condição a ser observada: perda da sílaba tônica, as vogais médias abertas transformam-se em médias fechadas, de acordo com o esquema assinalado por Babini (2002, p. 32). Os falantes da RCI aplicariam tal condição tanto ao italiano quanto ao português.

Fica preservada, no entanto, a condição de contigüidade apontada por Bisol (1981), também mencionada por Matzenauer e Miranda (2003, p. 95). Este contexto aparece como um condicionamento obrigatório para a harmonia vocálica, pois o processo é desencadeado por uma vogal alta contígua. Dois exemplos apresentados por um dos falantes permitem sustentar a hipótese da harmonia vocálica.

Surgiram as formas seguintes:

(1) [ʃɔrtɪ'ziɲo], com *o* aberto e final de radical elevado, 'xortezinho', isto é, 'pequeno *short*', um tipo de roupa,

em que se verifica elevação da vogal final da palavra. O leitor deve lembrar que, se a epêntese é com [e], e não com [i], podemos julgar que as epíteses também o serão, ainda mais que as vogais átonas finais não são elevadas, conforme assinala Frosi (1987 a). Mas observe-se que não se verificou a elevação do "o" tônico da palavra de origem,

que continuou aberto, confirmando assim o caráter de contigüidade que, segundo Bisol (1981, 1984), caracteriza a harmonia vocálica.

(2) [mori'niɲa], 'moreninha',

em que se verifica a elevação da vogal “e” de *morena* para “i”, mas não se verifica a elevação do “o” (que está mais afastado da vogal do radical) para “u”.

Uma das características da harmonia vocálica fica contemplada, portanto. As outras características apontadas por Bisol (nasalidade, homorganicidade) não são consideradas aqui porque ocorreram em outros contextos de enunciação, e não antes de *-inho* e *-zinho*.

Surge uma outra forma muito curiosa. Já ouvi, de pessoas mais experientes, a forma [fi'tia] para *fatia*. Seria uma harmonização vocálica extrema, se não proviesse de uma forma com interferência. A forma do dialeto italiano da RCI para *fatia* é *feta* (italiano padrão *fetta*) e a forma parece ter sido adaptada para **fetia*, com interessante cruzamento, e nesta última verifica-se a harmonização.

7. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO

Uma simples transposição de condições de uso (ou de ‘regras’, para empregar outra terminologia, ou de ‘restrições’, para empregar ainda outra) pode-se constituir em interessante aplicação translingüística de certos parâmetros.

Gostaria de chamar atenção, no entanto, para outra característica interessante do vêneta da RCI, referente ao uso do sufixo diminutivo – *in* (como no exemplo acima ‘*belin*’), que, ao que tudo indica, constitui uma forma apocopada do sufixo diminutivo do italiano padrão – *ino*. O sufixo *-in* é o que mais se assemelha, foneticamente, aos elementos mórficos *-inho* e *-zinho* do português (comparem-se as outras formas evidenciadas na coíné de predominância vêneta da RCI, os sufixos *-eto*, *-oto*, etc.). A forma *-in*, além de apresentar uma vogal tônica alta, tem a peculiaridade de constituir uma sílaba pesada, uma característica a mais, talvez, a contribuir com a harmonia vocálica.

A esse propósito, gostaria de lembrar que, em português, existe a forma dicionarizada *festim* (cf., entre outros, Houaiss, 2004). O acréscimo da forma *-im* determina ao radical *fest* outra pronúncia e outro gênero, e ocasiona elevação da vogal átona. O mesmo ocorre com *sela* – *selim*. Em exemplos em que não há vogal média, verifica-se a mudança do acento (compare-se *câmara* com seus dois derivados

camarazinha e *camarim*, por exemplo). Para Cunha e Cintra (1985, p. 90-91), o sufixo *-im* é importação do francês *-in*, ou do italiano *-ino*, através do francês. Coincidentemente, existe uma forma apocopada de *-inho*, ao que tudo indica com largo emprego em Minas Gerais (onde se observam formas como ‘meninim’, ‘Miguilim’, etc.), que passa a ser exatamente igual ao sufixo apontado como de origem estrangeira. Manifestações desse tipo sempre trazem à mente a idéia de deriva, mas prefiro analisar a questão, por ora, como um caso de sílaba pesada: uma única sílaba, com vogal alta e coda consonantal, acaba determinando harmonia vocálica. Ou confere à palavra um novo acento, tão marcado, que se perdem quaisquer resquícios da vogal tônica original da palavra. Vale lembrar que existem, em português, variantes de uma mesma palavra que admitem as duas formas, como o nome próprio *Martim*, que alterna com *Martinho*.

Há ainda outras considerações a fazer. Uma delas é que os falantes em geral, e não só os ítalo-descendentes, elevam a pretônica diante de *-inho* quando não há consciência da forma diminutiva (como em *sombrinha*) ou quando a seqüência é parte da palavra, sem idéia de sufixo (como em *sobrinho*, *cozinha*), fato já apontado pelos autores que trataram da questão. Outra consideração diz respeito à sílaba pesada como propulsora de harmonização vocálica: *festim*, *selim* têm pretônica fechada no português padrão.

Deve ser registrado também o fato de que outras elevações vocálicas de sílabas pretônicas, presentes na fala de outras regiões, não ocorrem na RCI. Não houve elevação vocálica na pretônica em *colégio*, *fogueira*, *fogão*, *polenta*, *mostarda* e outros, pronunciados com um nítido /o/ pretônico, nem em *teatro*, pronunciado com um claro /e/. Houve também duas instâncias de *pequeno* sem elevação da pretônica, entre outros exemplos. Isso parece confirmar a presença de uma regra de harmonia vocálica como determinante, ou uma restrição de uso da elevação, que se aplica somente aos casos em que há presença tônica de vogal alta.

E aqui cumpre fazer uma ressalva. Koch et al. (2002, p. 61) registram, no ALERS, o uso de *gordura*, em falantes de Garibaldi e Caxias do Sul, sem elevação vocálica pretônica. Se a observação de formas desse tipo subsistir, isso circunscreve ainda mais o campo da harmonia vocálica na RCI, pois essa regra de assimilação de traços se manteria só diante da vogal palatal. Mas esse seria tópico de outro estudo.

Quanto ao emprego da harmonia vocálica por parte dos ítalo-descendentes, que não observam uma violação do português a uma restrição, ou colocam a regra de

acentuação em nível lexical, fica registrado esse uso, e sua persistência na geração mais jovem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, Ernesto d'. *Temas de fonologia*. Lisboa: Colibri, 1994.
2. APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. New York: Arnold, 1992.
3. BABINI, Maurizio. *Fonética, fonologia e ortoépia da língua italiana*. São Paulo: Annablume, 2002.
4. BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
5. BISOL, Leda. *Harmonia vocálica, uma regra variável*. Tese de Doutorado em Letras. Faculdade de Letras, UFRJ, 1981.
6. BISOL, Leda. Harmonização vocálica, uma regra variável. LOBATO, Lúcia *et alii*. *Sociolinguística e ensino do vernáculo*. Tempo Brasileiro 78/79 – julho-dezembro de 1984.
7. CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
8. CÂMARA, Jr., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
9. COLLISCHONN, Gisela. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
10. COSTA, Iara B. Processos morfofonológicos na morfologia derivacional. ILARI, Rodolfo. *Gramática do português falado, v. II: níveis de análise linguística*. Campinas: UNICAMP, 1993.
11. CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
12. DAL CORNO, Giselle O. M.; SANTINI, Mara S. Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na região de colonização italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. *Coletânea CCHA: cultura e saber – v. 2, n. 1*. Caxias do Sul: UCS, 1998.

13. DAL CORNO, Giselle O. M. Conseqüências de atitudes lingüísticas negativas para com grupos lingüísticos: da estigmatização à solidariedade. *Congresso Internacional Linguagem e Interação*. CNPq; CAPES; FAPERGS; UNISINOS, 2005. (CD-Rom)
14. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
15. ESPIGA, Jorge. Alofonia de // no sul do Rio Grande do Sul: aspectos fonéticos e fonológicos. HORA, Demerval da e COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Universitária/UEPB, 2003.
16. FAGGION, Carmen M. Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha. *Congresso Internacional Linguagem e Interação*. CNPq; CAPES; FAPERGS; UNISINOS, 2005. (CD-Rom)
17. FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
18. FROSI, Vitalina Maria. Interrelazioni fra il dialeto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. ZILIO, Meo (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987 (a).
19. FROSI, Vitalina Maria. I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socioculturale ed economico: prevalenza del dialetto veneto. LOCASCHIO, Vincenzo (org.). *L'italiano in America Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1987 (b).
20. FROSI, Vitalina Maria. Bilingüismo, identidade étnica e atitudes lingüísticas. *Congresso Internacional Linguagem e Interação*. CNPq; CAPES; FAPERGS; UNISINOS, 2005. (CD-Rom)
21. GASS, Susan; SELINKER, Larry. Interlanguage in context. In GASS, Susan, SELINKER, Larry. *Second language acquisition: an introductory course*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1994. (Topics in Applied Sociolinguistics)
22. HEREDIA, Christine De. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. VERMES, G. & BOUTET, J. (orgs.). *Multilingüismo*. Campinas: UNICAMP, 1989.
23. KOCH, Walter *et alii* (orgs.). *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil / ALERS*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/UFSC/UFPR, 2002. V. 1 e 2.
24. LEE, Seung-Hwa. Morfologia e fonologia do português do Brasil. Síntese, Campinas, vol.1, 1996.

25. LEITE, Yonne de Freitas. *Portuguese stress and related rules*. Austin: Univ. of Texas, 1974. (PhD Dissertation)
26. MATEUS, Maria Helena; D'ANDRADE, Ernesto. *The phonology of Portuguese*. Oxford et al.: Oxford University Press, 2000.
27. MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Uma análise da harmonia vocálica e da metafonía nominal com base em restrições. HORA, Demerval da e COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003.
28. MORENO, Cláudio. *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal em português*. Porto Alegre: UFRGS, 1997 (Dissertação de Mestrado)
29. PAVIANI, Neires M. Estigma social da pronúncia no ensino do português. FELTES; ZILLES, U. (orgs.). *Filosofia: um novo horizonte*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
30. PAVIANI, Neires M. S. *O pronome ético: uma característica dialetal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
31. ROCA, Iggy; JOHNSON, Wyn. *A course in Phonology*. Oxford: Blackwell, 1999.
32. TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral da coda silábica. BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
33. SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no Rio Grande do Sul. BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, PUCRS, 2002.
34. STAWINSKI, Alberto Vitor. *Dicionário vêneto sul-rio-grandense / Português*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes / Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

RESUMO: Um estudo da elevação vocálica que se opera, na Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha, diante dos elementos -inho e -zinho, assinala um emprego muito específico de harmonia vocálica, ou uma diferente localização desses elementos mórficos nos níveis lexical e pós-lexical, ou a não-observância de uma restrição como marca de uma área dialetal portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; Português; Sociolingüística; Dialectologia.

ABSTRACT: Portuguese words ending in –inho and –zinho are pronounced in a peculiar way by Italian descendants, in country areas in Southern Brazil. Their specific use of vowel harmony with these two morphic elements mark them out as belonging to a distinctive group among Brazilian Portuguese speakers.

KEYWORDS: Phonology; Portuguese; Sociolinguistics; Dialectology.